

# O eterno retorno da magia

*Francisco Eduardo  
Menezes Martins*

*Jornalista, Doutor em Ciências da Comunicação  
pela Universidade Complutense de Madrid e  
Professor da FAMECOS/PUCRS.*

O Brasil conectado da era mundializada e o Brasil conectado com suas próprias imagens devem ser traduzidos ao contexto da chamada cultura pós-moderna e do advento da comunicação e arte digitais. Quando as imagens circulam em alta velocidade e a sua lembrança é um mosaico de cores e formas. Quando o mundo é uma tela e a distância tempo-espaço é abolida, passam a existir novas perspectivas de análise da própria imagem e do território sagrado do culto socializado, as salas de cinema.

As tecnologias do imaginário proporcionam, em qualquer lugar e a qualquer momento, a comunhão das imagens. "Vídeo, tela interativa, multimídia, internet, realidade virtual: a interatividade nos ameaça de toda parte. Por tudo, mistura-se o que era separado; por tudo a distância é abolida: entre sexos, entre os pólos opostos, entre o palco e a platéia, entre os protagonistas da ação, entre o sujeito e o objeto, entre o real e seu duplo."<sup>1</sup>

A fusão de papéis também chega ao cinema. Assistir

a um filme pode ser uma aventura no deslocamento horizontal do espaço urbano, pela violência ou por, simplesmente, se querer evitar um engarrafamento, estacionar, pagar a entrada e a pipoca, ou suportar a multidão nos Shopping Centers. A idéia é a de que, no conforto de sua sala, o melhor da aventura, o filme, possa ser substituído, em parte, pela simulação desta cena, utilizando recursos técnicos como televisores estéreos, 33 polegadas, e ultimamente com os infoteatros domésticos.

Além disso, o mito do *comfort*<sup>2</sup> e da interatividade são aliados do que o pensador francês Paul Virilio chama de "ociosidade, a monumental espera de prestações de serviço frente aos aparelhos, máquinas de comunicação ou de telecomunicação, diante das quais cada um se ocupa enquanto espera."<sup>3</sup>

Por outro lado, os filmes emitidos pelas redes de televisão aberta, por cabo ou satélite, mantêm sua relação de existência com a performance da película em seu ambiente natural, a tela gigante da sala escura, e sua repercussão junto aos agentes do experimentar junto como estética do estilo pós-moderno de viver o cotidiano.<sup>4</sup>

Na atmosfera da revolução digital, o êxtase da comunicação e a proliferação dos sujeitos sedentos por interfaces amigáveis, o museu cinematográfico

ainda mantém sua aura, como pensava Walter Benjamin. Mas os simulacros de cinema rondam essa visão nostálgica com táticas de incipiente interatividade, como por exemplo o Intercine, da Rede Globo, que leva a audiência da posição de telespectador à posição de co-programador ou interagente, simulando a velha agenda cultural dos jornais, que também era interativa, como também era interativo escolher a companhia para ir ao cinema.

A tendência de burocratizar a comunicação através de protocolos de interatividade também pode pecar por excesso. A interatividade cansa. A Internet cansa. Ver TV à noite causa sonolência. Nem tudo está ao alcance de todos sem sair de casa. Se pode fazer tudo sem sair de casa, menos sair de casa. Se pode escolher os filmes de acordo com o número de indicações ao Oscar e se pode ver a cerimônia do Oscar e não assistir a nenhum dos nominados, como também se pode torcer pelo *4trilho* como numa final de Copa do Mundo, e jamais assisti-lo no cinema.

No Brasil, passamos a realizar novos rituais de socialidade, que são muito bem compreendidos por Michel Maffesoli, sociólogo, e um estudioso dos temas brasileiros: "A referência ao espaço vivido simbolicamente que chamei de 'animação' do país ou do território, permite compreender que são representações coletivas que constituem o meio no qual se vive com os outros."<sup>5</sup>

Porém, esse "viver com os outros" é muito relativo quando se evita o espaço compartilhado das salas de cinema pelo tempo compartilhado da telepresença.

Conceitos após conceitos, tecnologia após tecnologia, e uma cristalização da estética da imagem em movimento continua sendo os festivais de cinema. Espalhados pelo mundo: Cannes e Berlim, e pelo território Brasileiro, o mais famoso e mais apreciado de todos: o Festival de Gramado. Eles permanecem como referenciais da produção cinematográfica e da cultura do "gostar de cinema". Para descansar da interatividade e da *tecnoburocracia* dos meios *neotecnológicos* nada melhor que comemorar 25 anos de Gramado com a sensação de que o cinema brasileiro encontra na serra do Rio Grande do Sul seu momento

anual de confraternização intelectual, onde o clima frio e a natureza seriam capazes de inspirar, até mesmo no andarilho Nietzsche, novas aportações à sua idéia do eterno retorno, considerando que Gramado possui lagos que não invejam o alpino Silvaplana. Enfim, numa época na qual o retorno é o do efêmero, do pequeno, que pelo menos também seja eterno o retorno da magia do cinema brasileiro a cada inverno em Gramado .

## Notas

- 1 Baudrillard, Jean: *Tela Total: mito-ironias da era do virtual e da imagem*, Porto Alegre, Sulina, 1997, p.145.
- 2 Idéia exposta em Ortega y Gasset: *La Rebelión de las Masas*, Madrid, Espasa Calpe, 1993.
- 3 Virilio, Paul: *O Espaço Crítico e as perspectivas do tempo real*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1993, p.11.
- 4 Sobre estes conceitos ver Maffesoli, Michel: *A Contemplação do Mundo*, Porto Alegre, Artes e Ofícios, 1995.
- 5 Maffesoli, Michel: op.cit. p. 116.